



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

PELOS OLHOS DO CINEMA

CAMILA NOGUEIRA INFANTE

RIO DE JANEIRO

2016

PELOS OLHOS DO CINEMA

CAMILA NOGUEIRA INFANTE

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2016

PELOS OLHOS DO CINEMA

CAMILA NOGUEIRA INFANTE

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Cristina Costa de Moraes
Departamento de Educação
Instituto Benjamin Constant

“As melhores e mais belas coisas neste mundo
não podem ser vistas nem ouvidas,
mas precisam de ser sentidas com o coração.”

Helen Keller

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à tia Balde e aos meus futuros filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à natureza superior que conduziu as sementes que deram origem à minha vida. Agradeço ao Vô Joaquim (*in memoriam*), Vó Dora (*in memoriam*), Vô Berto (*in memoriam*), e Vó Luiza (*in memoriam*) os condutores de meus primeiros passos. Em seguida agradeço à minha família que sempre esteve ao meu lado acreditando em minhas escolhas: meu pai, minha mãe, Raquel, Rodrigo, Malu e Nina. Em especial dedico à família que escolhi para dividir todas as minhas conquistas: Anita, Du, Karina, Lola, Renata e Xiko. Aos professores da vida, educadores da UNIRIO, profissionais e alunos do IBC, um eterno obrigada!

CAMILA NOGUEIRA INFANTE. **PELOS OLHOS DO CINEMA**. Brasil, 2016, 46 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

Este trabalho é o resultado do estágio supervisionado em Pedagogia realizado na *Escola de Cinema Ádele Sigaud*, no Instituto Benjamin Constant, Centro de Referência na Área da deficiência Visual. Este estudo aborda as principais atuações da Escola de Cinema nos anos de 2014 e 2015, ressaltando a importância desta ferramenta midiática no ensino regular. A preparação para as aulas origina-se com a discussão curricular e demais temas da atualidade. Com a ajuda do cinema, alunos e alunas promovem debates nas aulas e o resultado final é o trabalho coletivo da produção de seus próprios curtas metragens. O trabalho conta com a ajuda de mediadores do Instituto Benjamim Constant (IBC) e do Projeto Cinema para Aprender e Desaprender (CINEAD) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Palavras-chave: Cinema, Educação especial, Inclusão.

INDICE DE SIGLAS

CC – Closed Caption

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

CINEAD – Projeto Cinema para Aprender e Desaprender da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DV – Deficiência Visual

IBC – Instituto Benjamin Constant

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – COMO TUDO COMEÇOU.....	12
CAPÍTULO 2 – ESCOLA DE CINEMA ÁDELE SIGAUD.....	22
2.1 HISTÓRICO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT.....	22
2.2 A DEFICIÊNCIA VISUAL.....	22
2.3 O PROJETO ESCOLA DE CINEMA ÁDELE SIGAUD.....	23
2.4 O ENCONTRO COM O CINEMA.....	24
CAPÍTULO 3 – O CINEMA E A EDUCAÇÃO.....	29
3.1 VIVENDO A ACESSIBILIDADE.....	29
3.2 EDUCAÇÃO.....	29
3.3 TEMPO E ESPAÇO.....	30
3.4 IMPRESSÕES PESSOAIS.....	31
3.5 SOCIABILIZAÇÃO.....	31
3.6 TECNOLOGIAS ASSISTIVAS PARA CEGOS.....	32
3.7 CINEMA PARA TODOS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

A educação para todos prevista na Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, propõe que todos devam ter acesso e condições incondicionais à educação. Esta legislação apresenta um capítulo que prevê a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular. A partir das orientações provenientes desta legislação as escolas e secretarias de educação adquirem a incumbência de capacitar todos os seus docentes e demais profissionais da escola para esta inclusão, além de preparar também as condições físicas e estruturais para o acesso que esta demanda vai exigir. Para alunos com deficiência sensorial, como surdo e cego, toda e qualquer barreira, seja ela pessoal ou tecnológica, deve encontrar soluções na própria escola e com isso o trabalho contará com professores e intérpretes de Libras¹ para os alunos surdos e materiais em Braille² para alunos cegos.

A utilização de recursos midiáticos e aportes tecnológicos na educação trazem novos contornos para a mudança. Dentre os avanços introduzidos pelos recursos midiáticos e tecnológicos vale ressaltar a possibilidade de diminuir a desigual condição de acesso à informação destes alunos, tornando o conhecimento e a informação acessível passando a fazer parte do dia a dia de todos os envolvidos nesta inclusão.

Com isso, o Instituto Benjamin Constant em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro desenvolve em 2012 a *Escola de Cinema Ádele Sigaud* com o objetivo de ofertar a educadores e educandos uma prática educativa diferenciada, trabalhando o currículo com a utilização da linguagem cinematográfica.

O resultado desta experiência se dá no aprimoramento das produções destes alunos que diretamente estarão produzindo coletivamente seus curtas metragens com o currículo e temas da atualidade. Esta proposta dá à Escola de Cinema algo muito semelhante ao *Cinema en curs* (apud FRESQUET, 2014) que tem como um dos seus objetivos “dar uma oportunidade àqueles alunos que, por diferentes motivos, ficam excluídos do sistema ou da sociedade escolar, de encontrar no cinema uma via para mudar ao menos parcialmente esta situação”.

-
1. “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Lei Federal 10436/2002).
 2. Sistema de escrita com pontos em relevo, criado na França por Louis Braille no ano de 1825. Permite que cegos possam ler e escrever a partir da combinação de seis pontos.

CAPÍTULO 1 - COMO TUDO COMEÇOU.

Tudo tem início na linda cidade de Poços de Caldas ao Sul de Minas Gerais. Mal sabiam meus pais, Benedito e Conceição, que aquela criança miúda que já era a “rapa do tacho”, nascida no hospital pelas mãos de parteiras, já que o Sistema único de Saúde (SUS) estava em greve, em plena ditadura, seria também logo de início uma garota curiosa e irrequieta. Eu e meus irmãos, Rodrigo (o primogênito) e Raquel (a filha do meio) temos um pai barbeiro e uma mãe costureira pra lá de corajosos.

Todas as férias de dezembro nos levavam de fusca para a Praia Grande em Santos, litoral Paulista, cidade onde também passaram sua lua de mel, e lá tivemos muitos dias de férias com sol, sanduíches de salaminho com Coca-Cola, sorvetes e aprendemos a pegar ondas com uma prancha de isopor até que a barriga ficasse ferida. Todo mês de Dezembro eram certas nossas férias no apartamento do Senhor Matias. Eu tinha apenas quatro ou cinco anos, ainda cabia no “chiqueirinho” do fusca e sei o quanto isso ficou grudado em minhas memórias, e colaborou para outras aventuras. Ali tínhamos muitas novas informações juntas, que não tínhamos em Minas: calor, praia, areia e até enchente enfrentamos na volta por São Paulo.

Admiro e agradeço meus pais por tudo de novo que me era apresentado em todas as férias de verão. Mas havia uma frustração muito grande, pois meus irmãos estavam realmente em férias. Frequentava a escola de segunda a sexta, “A Casa da Criança” escola de educação infantil. Escola pública que funcionava junto à Gota de leite Sinhá Junqueira - entidade filantrópica de doação de leite, remédios e vacinas para famílias carentes.

Fundada pela saudosa Maria do Rosário Mourão Davis, Tia Nini, Presidente da Gota de Leite Sinhá Junqueira Lemos , fundou a Casa da Criança em 1950, Jardim e pré-escola, em 1954, a Assistência às Mães e Assistência Dentária em 1956. Mais tarde fundou também os institutos Tarso Coimbra em 1959, para deficientes auditivos e a Escola Municipal Helen Keller em 1971, para deficientes

visuais. Foi ainda a idealizadora da Fundação Gota de Leite de Assistência à Criança - FUNGOTAC, que incorpora vários setores beneficentes da antiga Gota de Leite. Tia Nini era uma senhora alegre e caridosa, que eu sempre admirei. Nesta época eu ficava em casa aguardando os dois irmãos chegarem para que pudessem me dizer, o que era, enfim, a escola. O que a professora dizia e do que mais gostavam...

Enquanto aguardava a chegada dos dois, acompanhava minha mãe em suas costuras na casa da minha avó Luíza. Minha avó paterna, daquele tipo de avó que a cidade inteira ama.

Estando por ali eu aproveitava para costurar roupas para minhas bonecas e também aproveitava os lanches dos terços que aconteciam em todos os dias 08 do mês e às vezes ainda ficávamos o dia inteiro por lá para ajudar na produção das pamonhas que sempre aconteciam em meados de junho e julho feitos também por lá. Isso era uma festa! Quase me esquecia da vontade de ir para escola... Digo quase, pois foi exatamente numa destas tarde ao quintal de minha avó Luíza, enquanto aguardava o terço terminar que eu descobri a minha primeira aptidão.

Como eu brincava de dar aulas imagináveis para alunos também da minha imaginação, tive que escolher qual seria meu nome e neste mesmo instante me deparei com um balde azul que estava no quintal virado de boca para baixo. Pronto. Apanhei um tecido estampado largo e comprido que havia sobrado das costuras de minha mãe e fiz de saia. Peguei uma armação de óculos de minha avó, alguns papéis e um lápis que já estavam comigo no armário (que na verdade era a máquina de lavar) sentei-me ao balde azul e assumi minha turma.

A partir daquele momento eu era a tia Balde! Lembro-me hoje tão perfeitamente da satisfação que tive com a revelação deste momento do balde azul que quase posso tocá-lo. E a tia balde me acompanhou por muitas e muitas aulas pela frente. Neste mesmo quintal de minha avó, fundei com meus primos uma fábrica de perfumes, com as flores que caíam pelo chão, uma confecção de roupas, acessórios e bonecos de palha e muitas outras histórias saíram dali.

Porém em 1986, com seis anos incompletos, enfim, entrei para escola,

Creche Casa da Criança. Eu tinha mochila, lancheira e uniforme, e na camiseta havia um botão preso para segurar o crachá. A tia balde dava lugar à aluna Camila. Primeiro sonho realizado!

Alguns aprendizados que tive na Casa da Criança fizeram parte de minha formação. A solidariedade e coletividade são algum deles. Nós levávamos nosso lanche de casa para a escola e havia alguns que não tinham condições para isso. Então nossas professoras, gentilmente, nos convidavam a dividirmos nosso lanche com aquele colega que estava sem. Não tenho palavras para descrever o sentido desta ação da professora em minha vida. Nem me lembro de ao certo, se era tia Terezinha ou tia Ana Lúcia que nos orientou a compartilhar, mas é certo que ali nasceu o meu olhar para o outro. Saber que não estamos sozinhos nunca! Mesmo naquela mesa compartilhada, nem naquela sala de aula, naquela escola ou cidade. Esta iniciativa da professora fez meu olhar voltar-se para os outros como meus companheiros de jornada.

Confiança e amizade, também foram outras lições inesquecíveis da Casa da Criança. Rodrigo, meu irmão, era responsável por me buscar na saída da escola. E numa sexta feira ele se atrasou. O relógio marcou cinco da tarde, todas as crianças foram embora na companhia de seus responsáveis e até às cinco e meia à escola já havia sido esvaziada inclusive pelos professores. Só restando a mim e a Dona Ivone que era a faxineira, a porteira, a servente, ou seja, o braço direito da escola. Acontece que a Dona Ivone morava enfrente ao salão de barbearia que meu pai dividia com meu avô há décadas. Ou seja, Dona Ivone era tão “de casa” que já era quase da família.

Enquanto eu aguardava meu irmão, eu imaginava como sairia dali sozinha, por onde andaria, quantas quadras teria que atravessar sozinha com apenas uma mochila e uma boneca na mão. Não dizia nada à Dona Ivone, apenas fixava meu olhar para o portão, na esperança de ver meu irmão, pai ou mãe, mas percebia que a tarde caía e caminhar pelas ruas escuras era algo que eu temia. Dona Ivone também não conseguia esconder que também estava aflita.

Enquanto passava o pano molhado naquele piso de cacos vermelho da escola e deixava o piso ainda mais vibrante fui tentando me distrair com sua ação

para não ficar tão preocupada. De repente saiu de mim uma pergunta: “E se ninguém vier? Vou ficar aqui sozinha durante todo o fim de semana?” Dona Ivone era uma mulher muito alta, magra, porém visivelmente forte e tinha cabelos totalmente brancos, mas não tinha cara nenhuma de avó. Parou o rodo e apoiada nele me disse: “Se ninguém te buscar eu te levo até a barbearia do seu pai assim que terminar de limpar este chão”. Claro.

Naquele momento a confiança que tive na amizade de meus pais com seus vizinhos e vizinhas me fizeram confiar que tudo estava resolvido. Lógico. O chão não era tão grande assim e metade já estava limpo, eram cinco e quarenta aproximadamente e da escola andando até a barbearia de meu pai eram menos de quinze minutos e eu sabia que até às sete da noite, meu pai ou meu avô estariam por lá.

Relaxe, comecei a pensar que seria curioso sair da escola na companhia da Dona Ivone, larguei a boneca no banco ao lado, apenas permaneci com a mochila, pois queria estar pronta para sair a qualquer momento. Senti que o medo foi embora e já não me concentrava mais no portão. Passei a olhar Dona Ivone como nunca havia visto. Uma senhora, que nem professora era, mas que era a veia pulsante daquele lugar.

Sabíamos que ela abria o portão, tocava o sinal, levava água para as professoras, ajudava quando alguém se machucava, recebia as doações para a creche, mas não sabíamos que depois de todos já estarem a caminho de suas casas era também ela quem cuidava da escola para que no outro dia, a escola estivesse pronta para nos receber. E além de tudo isso também cuidava de cada um como se fosse da família.

Neste momento, Rodrigo meu irmão chegou com seus quarenta e cinco minutos de atraso e um sorriso amarelo no rosto me pedindo desculpas. Depois deste episódio, comecei a me interrogar das funções de cada um naquela escola. Tia Nini, Dona Ivone, as professoras tudo parecia se encaixar para que a escola fosse aquela casa de acolhida para os pequenos.

Desde sempre, lembro-me do orgulho dos meus pais em conseguir mais uma vaga na escola, pois os três filhos passaram por lá e sabíamos que a nossa

condição financeira nos impediria de estudarmos numa escola particular. E foi assim que iniciei minha história escolar sem deixar passar despercebido um dia sequer. Foi ali que encontrei amigos que até hoje fazem parte de minha história de vida. Foi além também, durante uma apresentação de música no carnaval, que ouvi minha professora dizer à minha mãe que eu tinha veia artística. Não sabia muito bem o que era isso, mas pelo sorriso estampado no rosto das duas, com certeza era algo bom.

A arte já havia entrado em minha vida antes mesmo da escola. Quando não estava criando no quintal de minha avó Luíza, estava na varanda de casa dançando o “Xou da Xuxa”, onde eu era a Xuxa, ou Fazendo festas de aniversário de bonecas, com direito a bolo, bexigas e presentes. Também encenava para a família o famoso “Show da Núbia”.

Em homenagem à minha amiga Núbia (Nubiamara). Ouvia música diariamente pela rádio de minha mãe, ficava encantada com a contação de história de meus avós, tinha um irmão muito criativo que incluía a mim e a minha irmã em suas fantasias, então atuar já fazia parte de minha vida. Entretanto o teatro entraria em minha vida naquele mesmo quintal. Quem diria né vó Luiza? Que dali sairia tantas vocações? Eu e meu primo, seis anos mais novo, Humberto Lucas (Beto) cansados de esperar o terço acabar e só depois tomar o lanche, começamos a fazer teatro para apresentar ao final da reza. Tínhamos apenas 15 minutos, para escrever o roteiro, ensaiar, arrumar os adereços sem a ajuda de ninguém, pois todos estavam no terço, e mesmo assim conseguíamos sempre montar e apresentar nosso esquete.

Geralmente eram histórias que tínhamos ouvido daquelas mesmas avós e tias avós e todas se deliciavam ouvindo nossa versão. Tinha sempre alguém que no final dizia: Vocês são bons nisso, hein? Eu tinha certeza que de alguma maneira isso faria parte de minha vida.

Como meus irmãos também continuaram os estudos no Colégio Estadual João Eugênio de Almeida. Só hoje me dou conta do privilégio que era poder estudar no mesmo bairro onde morava e poder ir e voltar sozinha da escola. Ali, tive meu primeiro contato com a política ainda com sete anos. Pois já no primeiro

ano vivi a minha primeira greve de professores. Situação que me levou a descobrir que queria fazer algo mais pela minha escola.

Então, principiei coletas comunitárias de lixo pelos arredores da escola, estabeleci um horário à tarde para ficar como ajudante das professoras de educação infantil. Como amigos da na quarta série, montamos um grupo de teatro que foi premiado no festival de teatro estudantil da cidade, com a peça “Peripécias na Lua” de Walmir Ayala.

Meu grande divertimento também eram os esportes, queria conhecer tudo. Nadava todo dia que era possível, e aos finais de semana isso era constante, jogava peteca, me escrevi numa escola de vôlei, mas a grande paixão era a ginástica olímpica. Fiz durante anos. Sabia que podia mais e mais. Neste momento então com 13 anos o sonho era continuar os estudos e eu já sabia bem o que queria. Queria estudar teatro. A ginástica olímpica me mostrava o lado circense e representar era algo que tinha muito prazer e jeito.

Na cidade havia o curso para iniciantes de teatro, era o curso ofertado pelo Conservatório Musical e a professora era a saudosa Nicionely Carvalho, formada em artes cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Meus pais sempre me apoiaram em todos estes projetos e também neste, porém eu deveria esperar até completar quinze anos. Perfeito. No lugar de festa de quinze anos eu comecei meus estudos e me formei em iniciação teatral no curso mais apreciado da cidade.

A partir de então, já comecei a trabalhar com grupos amadores de teatro e viajar com estes grupos em escolas de Poços de Caldas e região. Juntei trezentos reais e parti, com dezenove anos, rumo ao Rio de Janeiro para morar com meu irmão. Isso durou apenas três meses, pois com a mala e a coragem fui ocupar uma vaga no bairro mais boêmio e romântico que havia conhecido no Rio. Fui morar em Santa Teresa. Agora sim estava pronta para ingressar numa verdadeira escola de teatro.

Ao chegar ao Rio, tudo era muito novo, tive que me arranjar trabalhando em escritórios de contabilidade, cuidando de crianças, mas mesmo com todas as dificuldades que uma cidade grande trazia de novo, tinha a certeza que estava no

caminho certo.

Assim, continuei a trabalhar com espetáculos amadores, ao mesmo tempo em que buscava trabalhar em produções de espetáculos e projetos do terceiro setor. Toda aquela aprendizagem relatada inicialmente agora seria essencial para colocar em prática tantas boas experiências. Entrar para a Escola Técnica de Teatro Martins Penna, a primeira escola de teatro da América Latina, foi à oportunidade de me profissionalizar numa escola de história e assim foram anos tão importantes como todos os aprendizados conquistados ali. Vivi experiências na área da interpretação, canto, leitura, indumentária, maquiagem, dança, construção musical, teatro brasileiro, voz, com professores que me faziam apaixonar ainda mais pela escolha que havia feito.

E a partir daí, pude atuar em muitos espetáculos infantis nas lonas culturais do Rio, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretar ao ar livre nas praças do Rio, atuar como professora de teatro, produtora e assim foram nove anos.

Antes de iniciar a faculdade de pedagogia ainda tive uma grande alegria. Fui convidada pelo meu irmão a produzir um filme (curta) metragem dirigido por ele e roteirizado por seus alunos. Alunos da oficina audiovisual, desenvolvida com os adolescentes, moradores da fazenda Lambari. As histórias contadas no filme foram narradas ou vividas por estes alunos e seus familiares, são tradições orais passadas de pai para filhos que ganharam vida pelos olhos do cinema. “*Os Contos do Cafundó*” teve apoio da lei de incentivo e apoio ao áudio visual, secretaria de áudio visual de Minas Gerais, sendo o único escolhido no estado de Minas Gerais.

Para que todos os convidados, atores, produtores e colaboradores pudessem apreciar ao filme, seu lançamento aconteceu no anfiteatro da Fazenda Lambari e contou com a participação dos verdadeiros contadores dos famosos causos.

No mesmo ano de 2010, o curta participou do Festival Visorama no espaço *Oi Futuro* (Ipanema), promovido pela Oi e Petrobrás no Rio de Janeiro. O filme foi o único representante do Estado de Minas Gerais.

No ano de 2011 o curta participou da III Semana de Educação, durante a I

Mostra Curta Educação no Auditório Paulo Freire, promovido pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Eu sentia que faltava algo maior, por isso me escrevi em Pedagogia. Sabia que estudando educação teria a oportunidade de entender a formação do ser humano. Foi apenas quando eu assisti a um espetáculo com bailarinos cadeirantes é que eu entendi o que faltava. Faltava uma paixão que eu me esquecera de interpretar e que esteve sempre ao meu lado. Educação Especial, eu ainda tinha muito que aprender com esta arte!

Na infância, tenho lembrança de muitos momentos que eu tentava interpretar as tradutoras de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) da TV, ou entender como os cegos caminhavam e trabalhavam com total segurança e independência pelas ruas de minha cidade e acabei deixando esta admiração um pouco de lado. Foi neste momento que percebi que a oportunidade estava ao lado. Com apoio, dedicação e amizade, fui indicada a realizar um estágio numa escola literalmente ao lado de minha casa ou também poderia escolher o Instituto Benjamin Constant (IBC).

Não tive dúvida. Naquela mesma semana do ano de 2011 comecei os estágios em Educação Infantil, na turma da Tia Cristina no IBC. Desde o começo percebi que esta oportunidade era única. Sempre admirei aqueles alunos em aulas externas de Orientação e Mobilidade, caminhando com a professora pelas ruas da Urca e sempre atentos aos sinais sonoros, pisos táteis e com o uso das bengalas.

Na educação infantil foi importante perceber o trabalho das professoras em relação ao o espaço físico, iniciação ao Braille com o uso de material semelhantes à reglete, com pontos aumentados e diferenciados entre escrita e leitura. Os alunos também contavam com trabalhos do mural como calendário, clima, regiões brasileiras, lateralidade, texturas diferenciadas para identificação espacial nos corredores da escola de educação infantil onde a minha oficina de encerramento do estágio foi a contação de história da “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado.

A escolha do tema teve relação com o feriado da Consciência Negra, já que naquela semana esta data foi tema das aulas. A história da menina negra linda como a noite, foi contada com instrumentos musicais e logo após a história, todos os alunos puderam conhecer os instrumentos e objetos narrados na história, como as jabuticabas, o café, o “pau de chuva” que originou o som de chuva, além de registrarem as mãos na tinta preta carimbando o papel.

Minha curiosidade não parou por aí, em todos os estágios obrigatórios do Curso de Pedagogia, também destaco o estágio em Educação de Jovens e Adultos (EJA), fui muito feliz em poder auxiliar pessoas de até 95 anos começando a ler e escrever. Mas logo após esta etapa fui então realizar o curso de Braille oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no Projeto Rompendo Barreiras e me formei em Braille.

No ano de 2014, realizei o estágio obrigatório dos anos iniciais do ensino fundamental também no IBC. Neste período pude acompanhar mais de perto o trabalho das professoras com o uso da reglete para escrita em Braille, pude colaborar de perto para o evento chamado de *Salada Cultural*. A *salada cultural* é um evento bimestral que reúne várias apresentações artísticas de todos os segmentos de ensino do departamento de educação do IBC. Da educação infantil ao 9 ano. É um evento livre, aberto aos funcionários, pais e alunos do IBC.

O tema escolhido pelas professoras do primeiro ano foi o Circo. Tema escolhido pela proximidade do dia do circo comemorado na mesma semana. O trabalho envolveu à todas as professoras, mães e funcionários do segmento, pois cada personagem foi caracterizado e ensaiado de acordo com suas características.

Neste momento pude ajudar na confecção das indumentárias e maquiagem do mágico, do palhaço, do leopardo e também colaborei para a escolha da música “*Uma Pirueta*” de Chico Buarque onde pudemos propor uma coreografia específica para cada personagem. Foi à troca que queria oferecer ao IBC. O trabalho foi tão gratificante para ambos os lados que também fui convidada a concorrer a uma vaga de estágio remunerado ofertada pelo Departamento de Educação (DED).

Iniciei no mês seguinte o meu novo estágio. Neste momento a proposta de atividades era mais voltada à atuação do pedagogo no desenvolvimento de projetos e pesquisas. Uma das propostas desta vertente era a implementação de ornamentação pedagógica acessível desenvolvida a partir de temas geradores. Atividade na qual pude trabalhar desde a pesquisa à confecção de materiais especializados para alunos cegos e baixa visão, como as lendas folclóricas regionais, as brincadeiras de rua, e com o tema norteador do momento, a Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Neste último tema, pudemos confeccionar bandeiras dos países concorrentes ao título mundial, com legendas táteis e informações socioculturais destes países em tinta ampliada e em Braille.

No ano de 2015 pude realizar meu estágio em ensino da matemática também exigido pelas aulas de matemática do curso de pedagogia, em aulas de Soroban, ofertadas aos alunos do quarto e quinto ano no contra turno na instituição. Ainda no ano de 2015, fui convidada novamente a ingressar como estagiária no IBC, ainda no departamento do DED, mas desta vez para contribuir para as aulas da Escola de Cinema Adèle Sigaud.

Alongo-me neste primeiro capítulo para que fique mais evidente e claro, o motivo, ou os motivos desta minha escolha no tema de Cinema e Educação, pois para chegar até aqui, sei que tive muitas contribuições desde época da Tia Nini na casa da Criança, até as oportunidades de estagiar várias vezes numa escola de renome como o Instituto Benjamin Constant. Mais do que uma honra, acredito ser meu dever mostrar ao menos uma parte do trabalho que é desenvolvido ali juntando educação com cultura num universo enriquecedor que é este.

CAPÍTULO 2 - ESCOLA DE CINEMA ÁDELE SIGAUD

2.1: HISTÓRICO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O Instituto Benjamin Constant – IBC – foi criado em 17 de Setembro 1854 como Imperial Instituto de Meninos Cegos, sendo a primeira instituição dedicada à pessoa com Deficiência Visual (DV) na América Latina. Com o advento do regime republicano de governo houve a iniciativa de negar o passado imperialista e muitas instituições criadas no Período Imperial tiveram seus nomes trocados, dentre estas O IBC. O nome Instituto Benjamin Constant é uma homenagem ao ex-diretor desta instituição e que também foi uma figura de destaque para a alteração do sistema de governo do Brasil.

O Instituto Benjamin Constant, atualmente, é o Centro de Referência, a nível nacional, para questões da deficiência visual. Na estrutura educacional brasileira o IBC é uma instituição com várias atribuições, sendo vinculada diretamente ao gabinete do ministro da educação. No âmbito de suas atribuições possui desde uma escola com a oferta de estimulação precoce à conclusão do Ensino Fundamental, capacitação de profissionais da área da deficiência visual, assessoramento de escolas e instituições públicas e privadas para inclusão de deficientes visuais nas escolas regulares de todo o país e realiza serviços oftalmológicos à população, reabilita, produz material especializado, impressos em Braille e publicações científicas voltadas a abordagem acadêmica de estudos na área da deficiência visual.

2.2: A DEFICIÊNCIA VISUAL

As deficiências podem ser físicas, motoras ou sensoriais. A Deficiência Visual (DV) é uma deficiência sensorial, caracterizada pela diminuição ou perda total do sentido da visão. O grau de deficiência visual pode ser dividido em três categorias: B1 – acuidade 0 (zero), B2 – acuidade de 1 a 9%, B3 – acuidade de 10 a 19% sendo que aqueles que apresentam alguma acuidade são identificados pelo termo Baixa Visão. Quanto a origem da deficiência visual, a cegueira congênita é assim classificada, quando o indivíduo nasce cego e a cegueira

adquirida, quando o indivíduo fica cego após o nascimento, em qualquer fase de sua vida.

2.3: O PROJETO DA ESCOLA DE CINEMA ÁDELE SIGAUD

Este projeto foi elaborado pela Divisão de Ensino do Instituto Benjamin Constant para concorrer ao edital n. 001/2011 da Faculdade de Educação da UFRJ e desde 2012 é vinculado ao Projeto Cinema para Aprender e Desaprender (CINEAD) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Século XXI era da tecnologia, podemos observar a multiplicidade de gêneros e formas de expressões artísticas. Dentre estas, está presente o gênero cinematográfico, o qual se destaca por contemplar o registro e a produção de todas as formas de expressão artística com o registro da ilusão do movimento e a captura de som (MORAES ET SALTARELLI, 2014). Na educação este atributo pode ser bastante enriquecedor, pois permite possibilidades de criação, reflexão e aprendizado, o que o torna imprescindível para ser trabalhado na educação escolar. É enriquecedor para professores e alunos que se ofereça ainda no ensino regular, oportunidades de conhecer e aprender por meio de uma das principais linguagens da atualidade: a linguagem cinematográfica.

O uso desta ferramenta, como prática educativa, facilita o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais, proporcionando a educandos, de diferentes idades, a ampliação do seu repertório cultural, o desenvolvimento da sua competência leitora e o diálogo entre o currículo escolar e as questões socioculturais. O uso do cinema na prática educacional já é uma realidade, entretanto este recurso precisa ser cuidadosamente pensado quando sua utilização volta-se para o público com deficiência sensorial, visto a necessidade de se ajustar este recursos às possibilidades de inclusão deste grupo.

Assim, o Instituto Benjamin Constant, como Centro de Referência Nacional na área da Deficiência Visual, busca e promover debates e reflexões sobre esta temática a fim de em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizar estudos que permitam contribuir com

respostas às questões provenientes destas relações.

Os objetivos da Escola de Cinema e Audiovisual Adèle Sigaud são:

1. Favorecer o acesso de educandos e educadores à produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros, com apoio de material e recursos para a prática educativa, que contemple as necessidades específicas de pessoas com ou sem deficiência sensorial.
2. Proporcionar a educandos, educadores, usuários (pessoas que utilizam os diferentes serviços do IBC) a linguagem cinematográfica como forma de entretenimento, expressão e produção artística aumentando o repertório cultural junto com a educação básica, ampliando o exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida e no trabalho. (MORAES ET MENEZES, 2011).

Durante as aulas os alunos são orientados a produzir materiais com referenciais teóricos e orientações didático-metodológicas para o trabalho com a linguagem cinematográfica na escola. A proposta é produzir textos e roteiros com os atores envolvidos nesta atividade, além de debates com especialistas, entrevistas com cineastas e educadores sempre considerando, os critérios de escolha das produções cinematográficas, o interesse e as necessidades do público envolvido, currículo e a prática docente. A parceria com CINEAD permite oferecer ainda informações técnicas como sinopses e créditos dos filmes, glossário e referências bibliográficas que apoiem a utilização deste recurso.

O trabalho com esta linguagem de leitura de textos e vídeos, e a análise dos recursos utilizados pelo cinema, vai contribuir para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à formação do aluno na formação destes como agentes críticos.

2.4: O ENCONTRO COM O CINEMA

Estruturalmente o IBC dispõe das instalações de um teatro com capacidade de público de 200 pessoas e a de um pequeno auditório com 50 lugares, que contam uma infraestrutura de som e projeção. As aulas acontecem duas vezes por semana no período do contra turno onde são projetados e debatidos os filmes (curtas) escolhidos para exibição que servem como referências para as produções

empreendidas pelos alunos.

Com duas horas de trabalho, será neste momento que os alunos terão a oportunidade de escrever seus roteiros, produzir seus filmes (curtas) e documentários em grupo e com a orientação dos profissionais participantes do projeto. Para esta mediação, o Departamento de Educação (DED) disponibiliza uma pedagoga e uma professora para as atividades. A turma de alunos é mista entre cegos e baixa visão e entre meninas e meninos de idade entre 6 e 19 anos.

Inicialmente os temas são escolhidos de acordo com a proposta curricular da instituição. Por exemplo, o ano de 2016 tem como tema norteador os Jogos Paraolímpicos que acontecerá no Rio de Janeiro logo após as Olimpíadas do Rio. Serão dezenas de atletas com deficiências representando seus países nas mais diversas modalidades paraolímpicas. Este tema, além de levar orgulho ao nosso país e principalmente à instituição onde estudam possíveis futuros paratletas, também terá, além de seu papel motivador, um grande peso no debate sobre a repercussão deste acontecimento e na prática de direito iguais e inclusão em nossa sociedade, sendo inspiração para algumas produções fílmicas de curta duração.

Durante as aulas são debatidos temas relacionados à juventude e atualidade como: natureza e auto sustentabilidade, alimentação e saúde, adolescência e gravidez, direito e respeito ao próximo, preconceito, entre outros. Os professores destes alunos que frequentam a Escola de Cinema são informados das temáticas da aula e dos resultados alcançados na produção das mesmas. Escolhido o tema da aula de cinema e a execução do filme (curta) que abrirá o debate, as coordenadoras do projeto propõem muitas vezes que estes depoimentos sejam gravados, para que o trabalho possa ser inicializado com a reprodução do que foi debatido.

Após este primeiro momento, o tema, o filme exibido e ou o próprio áudio do debate irá originar o exercício de produção de um vídeo. Os alunos são orientados a se dividirem em grupos por afinidades e pela escolha dos subtemas que o debate originou, mas também são orientados a formarem o grupo entre alunos cegos e baixa visão para que o trabalho contemple as competências de

cada um.

Neste momento fica evidente a importância do trabalho realizado em coletividade e principalmente a sensibilidade de cada aluno com o exercício proposto. São alunos que apresentam diferentes resíduos visuais, portanto alguns se destacaram pela fala de narrativa clara nas propostas de entrevistas ou na narração das cenas projetadas. Outros pela sensibilidade da escolha do ambiente de locação, por conhecerem bem a instituição e serem mais comunicativos, sabem onde podem ser encontradas as pessoas ou locais que a locação necessita. Outros são bons alunos narrativos, tem boa criação e imaginação e praticam coletivamente, a criação do roteiro a ser seguido. Ainda outros desejam ter a experiência de uma câmera na mão e optam pela gravação e edição das imagens. Como podemos perceber todos se uma forma ou outra se encaixam na produção dos vídeos coletivos.

O exercício poderá ter continuidade em outras aulas e isso abre portas para um aprofundamento dos temas que estão sendo trabalhados. A pesquisa inevitavelmente passará as salas de aula, os corredores da instituição e chegará até as casas destes alunos.

As coordenadoras do projeto, além de serem professoras e pedagogas da instituição com anos de experiência no trabalho com D.V. também possuem cursos na área de áudio descrição, cinema e fotografia, conhecimentos essenciais nesta mediação.

O trabalho com o deficiente visual deve levar em conta os sentidos sonoros, espaciais e a relação de tempo e espaço. Por isso, estes mesmos alunos que produzem os vídeos também são convidados a opinarem na seleção das cenas e principalmente no trabalho de captação de som e possíveis inserções de outros sons, ruídos ou músicas que serão incluídos na edição.

A memória tem seu papel bem destacado neste momento, pois será neste espaço que os discursos intermediados por sons que as cenas irão evidenciar as cenas projetadas. Como exemplo podemos citar a cena de uma pessoa andando na rua, a rua para o cego será inicialmente reconhecido pelos sons em lugares abertos e seus possíveis ruídos, como de passos, carros, sirenes e etc.

Assim serão trabalhadas as imagens não visuais, os sentidos sonoros da cena, o inconsciente coletivo do som que é reconhecido, o trabalho com o som ambiente e a captação de sons, além é claro do recurso de áudio descrição quando o filme estiver finalizado. Assim, mesmo o cinema sendo uma arte de grande apoio visual, ela pode contribuir, com o auxílio das tecnologias, na capacitação de alunos para desenvolverem suas habilidades com o cinema.

As coordenadoras alimentam uma página na rede social do *facebook*, onde os trabalhos realizados pelos alunos são apresentados aos professores, funcionários da instituição, pais e apoiadores do projeto. Estas coordenadoras também são responsáveis pelo envio dos vídeos em Festivais de áudio visual pelo Brasil.

A *Escola de Cinema Ádele Sigaud* participou nos anos de 2013, 2014 e 2015 na Mostra de Cinema em Ouro Preto (CINEOP), onde os alunos autores do curta tiveram a oportunidade de viajarem para exibir seus trabalhos e realizar um intercâmbio cultural com outros profissionais da área do cinema na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais.

Estas ações acima citadas, como o uso da rede social do *facebook*, e principalmente da participação em festivais, além de apoiar a realização de outros trabalhos, também colabora dando mais impulso às aulas, pois sabemos que alunos nesta faixa etária são movidos pela popularidade e consequente “fama”. Isso, claro, os enche a todos de muito de orgulho!

No ano de 2016 a *Escola de Cinema Ádele Sigaud* foi convidada a participar do projeto *Mostras Vista Lumière* em parceria com o CINEAD. Os trabalhos ficaram em exposição no Centro Cultural do Correios durante o mês de fevereiro. Este trabalho realizado pelos alunos com autorização de seus responsáveis, apresentou cenas de 1 (um) minuto cada, sem edição ou corte captadas ao ar livre. As imagens foram escolhidas seguindo a orientação das mediadoras que narravam às paisagens externas dos ambientes por eles propostos. Foram escolhidos espaços como- os jardins do Museu de Arte Moderna (MAM), a Cinelândia, Cristo entre outros lugares públicos, onde se identificava as imagens da cidade do Rio e suas particulares diferenças

ambientais e com destaque para suas características sonoras.

CAPÍTULO 3 – O CINEMA E A EDUCAÇÃO

3.1. VIVENDO A ACESSIBILIDADE

A importância das aulas de cinema para alunos com cegueira ou baixa visão é em primeiro lugar, imprimir na história destes alunos a capacidade de descobrirem sua competência na área áudio visual. O primeiro passo em relação a isso é conhecer, por parte dos professores e mediadores participantes do projeto, as características sócio culturais que envolvem a cegueira, as barreiras ocasionadas pelo preconceito e o impacto social e cultural que isso envolve.

A partir de então, as aulas devem oferecer condições acessíveis a todos os alunos participantes, sendo elas arquitetônicas ou com tecnologias assistivas. Faz parte deste princípio de acessibilidade arquitetônica o conceito de *acessibilidade plena*, adotado por Duarte e Cohen (*apud* Revista Benjamin Constant, 2013 pg.76), quando defendem que a acessibilidade será completa quando adota não só a acessibilidade arquitetônica, mas insere dentro da proposta aspectos emocionais, afetivos e intelectuais para colher a todos com empatia e afeto.

Estes alunos devem sentir-se pertencentes e construtores do projeto, pois encontrarão ali as ressonâncias de suas produções. Estão empenhando suas crenças, desejos, memórias e principalmente suas identidades em cada minuto de filmagem, e oferecendo suas competências como aluno e como produtores de conhecimento.

Lembrando que segundo as mesmas autoras, “deficiente são os ambientes que não são capazes de oferecer e de garantir a identidade, a subjetividade, de proporcionar aprendizado, informação e reflexão a todos as pessoas com deficiências físicas, sensoriais ou com mobilidade reduzida” (*apud* Revista Benjamin Constant, 2013 pg.76).

3.2. EDUCAÇÃO

Para nós, artistas, é fácil defender a arte do cinema como ferramenta que nos leva a pensar, a trabalhar com criação e reflexão, com o lúdico e com o imaginário. Na área educacional o uso desta ferramenta é um desafio, apontar

esta ferramenta não só como artística, mas também como um condutor de questões atuais que podem parecer inquestionáveis, é um começo.

Utilizar este recurso como prática que os leva a pensar é abrir uma porta para definições de um mundo que não está pronta e acabada, mas sim um mundo em constante mutação que está em construção. E são os alunos, os principais agentes condutores destas transformações. “A questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar.” (XAVIER, 2008).

Fazer com que as aulas sejam inovadoras. Sair do trivial, buscar novas mídias, já que estamos numa era onde tudo passa pela tecnologia: o jornal, a novela, os livros, os jogos, etc. Todas estas são vantagens que o trabalho com o cinema proporciona para o aprimoramento das propostas educacionais: esta mistura de criação, atenção, lazer, currículo, cotidiano, emoção, descobertas e desafios tende a facilitar o processo criativo e a percepção de linearidade e temporalidade.

3.3. TEMPO E ESPAÇO

Pensemos além, pois se o trabalho com o cinema é uma maneira certa de se trabalhar com o tempo e espaço, quando estamos pensando em cinema como experiência sensorial isso é inquestionável. O cinema pode trabalhar passagens de tempo e espaços numa singela mudança de cena, ou de clima, ou de sons para as experiências sensoriais. Buscar conhecer o diretor, em que época ele está relacionando o filme, qual o contexto político da época também são alguns exemplos de trabalhos temporais que podem ser relacionados com um filme. Apresentar o passado, como ele se retrata hoje, propor soluções para um futuro próximo e trabalhar a ludicidade das questões atemporais. Trabalhar com cinema é não ter nada pronto.

Tudo deve ser construído, ser apresentado, inclusive o tempo e o espaço onde se desenvolve a ação, portanto trabalhar com o cinema é poder interligar as várias disciplinas e abandonar de vez as ideias estáticas e engessadas de uma sala de aula tradicional com alunos estáticos debruçados sobre livros. Cinema é movimento.

3.4. IMPRESSÕES PESSOAIS

Outra questão também a se perceber é que ao assistirmos um filme colocamos naquela imagem seja sonora ou visual, induções que variam com cada história de vida, e pessoais interpretações somadas à história social de vida e relações com o meio de cada indivíduo. Ao debatermos as imagens e o que elas representam para cada um, abriremos uma discussão muito mais ampla de significados e valores diferentes entre todas as visões, ampliando o leque de conteúdos e informações que a imagem apresenta no coletivo.

Lembremo-nos de Wallon (1989), quando o mesmo cita que a afetividade, as emoções estão relacionadas à construção do indivíduo. Então o ato de assistir a um filme, vai trabalhar com o que já existe construído no espectador em relação aos sentimentos e emoções e principalmente vai trabalhar o que o roteiro se propõe passar quanto conteúdo, enquanto emoção. Vygotsky (1989, 2001) defende que o pensamento tem sua origem em experiências e diferentes variantes motivacionais. Percebemos assim com mais clareza a força desta interação mediática na construção de afetividade, cognição, emoção e memória dos indivíduos.

3.5 SOCIABILIZAÇÃO

Assim como a música é feita para que alguém a ouça, também o filme é feito para que alguém o assista. Só aí, já temos uma relação dialética entre, no mínimo, duas pessoas. Entretanto o cinema vai além. Este diálogo com indivíduos pode acontecer entre línguas diferentes, comunidades ou espaços de diferentes classes, religiões e aptidões. Basta olharmos para a tela oposta à tela de cinema.

O que podemos ver sentados na plateia? Médicos, artistas, crianças, jovens, mulheres e homens enfim, uma infinidade de indivíduos que poucas coisas têm em comum além do interesse em assistir àquele filme. Mas o precioso é também esta leitura: o que será trabalhado na cabeça de cada um destas pessoas? Será o mesmo conteúdo? Terão eles a mesma visão. É fato que não. Mas o ato de assistirem juntos a uma mesma obra já os coloca com algo em

comum.

Esta leitura aponta um novo olhar, desmistificando conteúdos e no simples ato de assistirmos ao filme numa sala de cinema, ou numa sala de aula cheia, criamos assim uma relação entre a imagem e o receptor. Por isso é imprescindível que tanto o professor, quanto seus alunos tenham a dimensão do poder desta vivência social.

O que desejam após o filme? Será que educandos e educadores estão cientes do aprendizado que esta sessão fílmica pode gerar?

3.6. TECNOLOGIAS ASSISTIVAS PARA CEGOS

Entende-se por Tecnologia assistiva: “produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.” (Lei 13146/2015).

Decreto nº 5296/2004 artigo 58 “O Poder Público adotará mecanismos de incentivo para tornar disponíveis em meio magnético, em formato de texto, as obras publicadas no País.” O mesmo decreto regulamenta a lei de acessibilidade nº10.098 que torna obrigatório a acessibilidade em sites eletrônicos de ordem pública (BRASIL, 2004).

Com o decreto nº 7.611/2011 que instituiu a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2011), a escola terá a implementação de sala de recursos multifuncionais com equipamentos, mobiliários e maquinários com materiais pedagógicos e didáticos especializado. Para o trabalho com DV, será ofertados computadores com softwares e sintetizadores de voz.

O Ministério da Educação lançou o Mecdaisy em 2009, Desenvolvido por meio de parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Mecdaisy possibilita a geração de livros digitais falados e sua reprodução em áudio, gravada ou sintetizada. Este padrão apresenta facilidade de navegação pelo texto, permitindo a reprodução sincronizada de trechos selecionados, o recuo e o

avanço de parágrafos e a busca de seções ou capítulos. Possibilita também, anexar anotações aos arquivos do livro, exportar o texto para impressão em Braille, bem como a leitura em caracteres ampliados (BRASIL, 2011).

3.7. CINEMA PARA TODOS

A Mostra de filmes “*Assim Vivemos*” realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) realizada nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, objetiva promover o debate sobre questões relacionadas ao universo íntimo e cotidiano das pessoas com deficiência. O festival conta com a exibição de filmes nos quais as pessoas com deficiência além de serem a temática e personagens dos filmes fazem parte da atuação, direção ou outras frentes de produção dos filmes.

A exibição conta com recursos de *áudio descrição*¹, legendas com *close caption*², catálogos em Braille, além de *intérpretes de Libras*³. O prédio do CCBB e as salas de cinema onde são projetados os filmes conta com acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida, acesso para cadeirantes e cegos com cães-guia.

-
1. Entende-se como *audiodescrição* a narração, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual, contendo descrições de sons e elementos visuais e quaisquer informações adicionais que sejam relevantes para possibilitar a melhor compreensão desta por pessoas com deficiência visual e intelectual. (Lei 10098/2000)
 2. Close caption (CC) ou legenda oculta: São legendas reproduzidas por um monitor em tempo real, que permite aos deficientes auditivos acompanhar os programas transmitidos. Previsto pela Lei 13.146/2015.
 3. O intérprete de Libras é o profissional que vai interpretar as informações entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. A Lei nº 12.319/2010 regulariza esta profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O OLHAR APRENDENDO A VER

Este trabalho abre portas para professores do ensino regular, pensarem no ganho que as aulas terão com a inclusão da ferramenta do cinema. Para a educação especial o ganho virá paulatinamente, quando forem despertados as capacidades e os anseios de cada aluno. O importante é pensarem o quanto seus alunos podem ir além, seja no aprender a ver cinema ou aprenderem a fazer cinema.

Os resultados obtidos com as aulas de cinema da *Escola de Cinema Ádele Sigaud*, são curtas que demonstram a enorme contribuição do cinema para alunos com deficiências sensoriais. O bater de uma porta, o som da chuva, os ruídos dos pés tocando o chão, traduzirão as mesmas informações que as imagens trazem aos videntes. A oportunidade de trabalharem em coletividade, ainda dentro da escola, é outro ganho riquíssimo dentro da proposta das aulas. É inquestionável a alegria e satisfação dos alunos ao verem suas obras projetadas, pois são alunos, agentes de suas próprias transformações.

O objetivo deste estudo é diminuir a distância de oportunidades que há dentro desta arte de trabalhar com o cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA Livia, COSTA Sara Bezerra, PIOVESAN Angélica. Anais Eletrônicos - I **Simpósio Regional de Educação/Comunicação**. Acesso em 09 de junho 2016.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2009.

_____ < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>

_____ <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>

_____ <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-

[2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm) > últimos acessos em 28 de junho de 2016.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman**. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4996--Int.pdf> > últimos acessos 20 de junho de 2016. Projeto de Pesquisa; CINEMA PARA APRENDER E DESAPRENDER; Laboratório do Imaginário Social e Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação; Linha de Pesquisa: Ética, desenvolvimento e aprendizagem; Faculdade de Educação; Universidade Federal do Rio de Janeiro. – UFRJ GT-16: Educação e Comunicação Agência Financiadora: FAPERJ.

< <http://www.abc.gov.br/> > últimos acessos em 28 de junho de 2016.

< <http://www.ines.gov.br/> > últimos acessos em 28 de junho de 2016.

Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência.

COHEN, Regina, DUARTE, Cristiane Rose de S. Revista Benjamin Constant. v. 19, p. 1 a 92. Edição Especial Outubro 2013. RJ.

SILVA, B. N. Cinema e a sala de aula: um caminho para a formação. Revista Espaço Acadêmico, nº 93, fevereiro de 2009, Disponível: <<http://www.espacoacademico.com>> últimos acessos em 09 de junho de 216.

Xavier, Ismail. **Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) Faz Pensar.** Revista Educação e Realidade. 33(1): 13-20 jan/jun 2008.